

A nova cara do violão 7 cordas

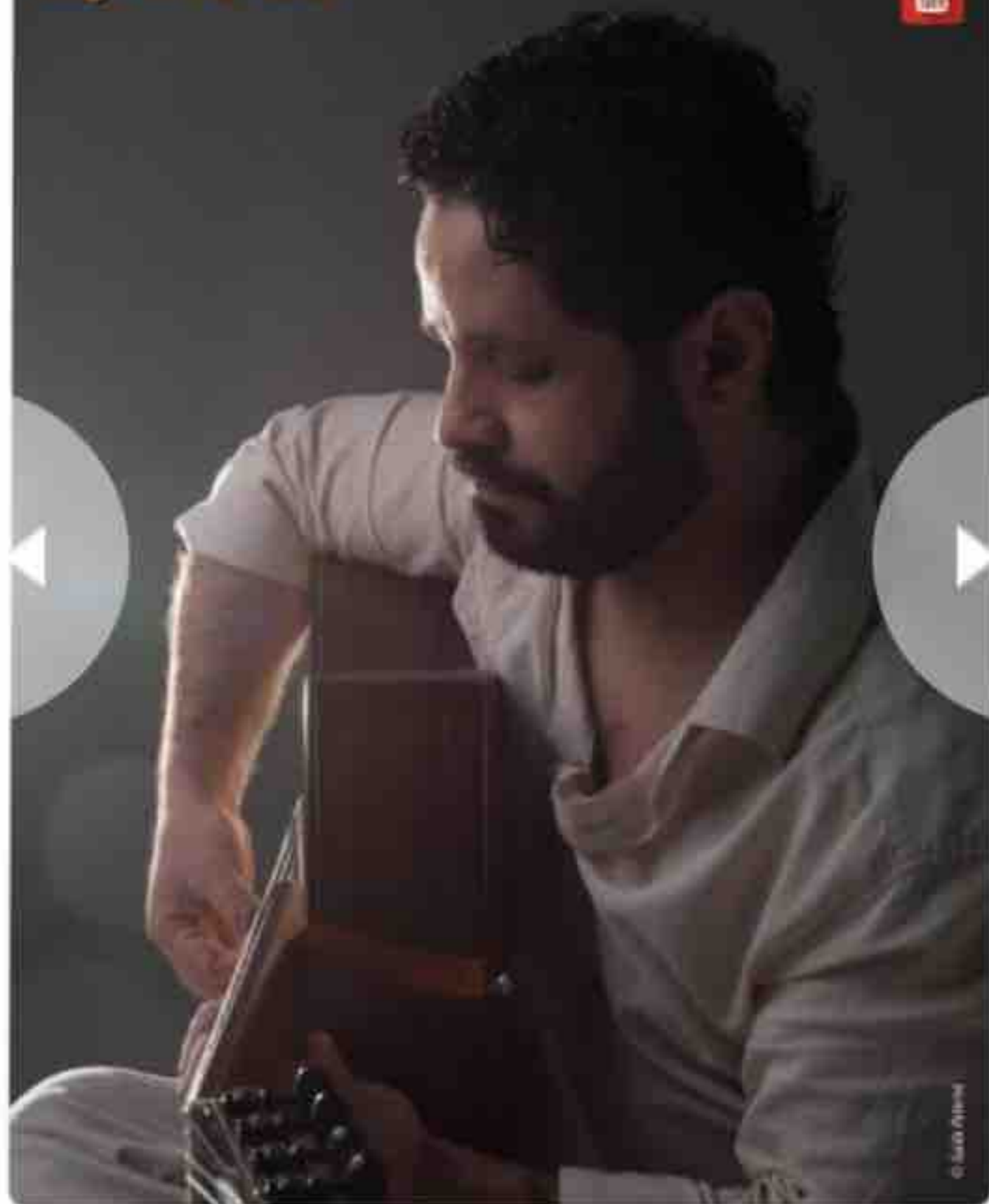
Radicado no Rio de Janeiro, o goiano Rogério Caetano segue seu trabalho de músico, compositor e didata, com extrema competência e grande admiração, no Brasil e no exterior

Nascido em Goiânia, Rogério Caetano desde muito cedo mostrou aptidão para música. Após ganhar um cavaquinho, foi escutando discos de choro e samba e tirando de ouvido tudo o que escutava. Ao ouvir determinado disco, percebeu que a sua paixão era o 7 cordas. Auxiliado pelo pai, que comprava discos em sebos, ele foi tirando, uma a uma, todas as frases do seu primeiro ídolo, Horondino José da Silva, ou Dino 7 cordas. Depois, modernizou-se, influenciado pelo som de Raphael Rabello, lapidando as influências até chegar ao seu próprio som. Estudou e se formou em Brasília, onde também se profissionalizou. Radicado no Rio de Janeiro, segue seu trabalho de músico, compositor e didata, admirado no Brasil e no exterior, além de ser uma pessoa de extrema simpatia. Com vocês, um dos grandes expoentes do moderno violão 7 cordas do Brasil.

Como foi o seu começo com a música? O violão foi o seu primeiro instrumento?

O meu começo com a música foi muito cedo, quando eu tinha por volta de cinco, seis anos. Comecei a tirar algumas músicas de ouvido com o violão que o meu pai tinha, de seis cordas. Como eu era muito pequenininho ainda, era muito difícil segurar o violão. Quando meus pais perceberam que eu tinha aptidão musical, que eu estava realmente começando a tirar algumas coisas de ouvido, me deram o meu primeiro instrumento. Meu pai disse: "olha, vou comprar um violão pequeno para você". Me deu um cavaquinho. Aí, ele começou a me apresentar alguns discos de Waldir Azevedo, de Jacob do Bandolim, enfim, comecei a desenvolver um repertório solo no cavaquinho. Então, meu primeiro instrumento de fato não foi o violão, mas o cavaquinho.

Rogério Caetano



© Sara Pimenta



Quando surgiu a paixão pelo 7 cordas? Quais foram suas principais referências nesse instrumento?

Eu senti um estalo definitivo de que queria tocar o 7 cordas quando ouvi aquele disco de Elizeth Cardoso com Jacob do Bandolim, o Época de Ouro e o Zimbo Trio, gravado ao vivo no Teatro João Caetano. Foi a primeira vez que ouvi o violão 7 cordas do Dino. E foi ali que percebi o que queria em música. Me apaixonei por aquele som. E comecei a procurar todos os discos em o Dino estava. Coincidentemente, minha mãe gosta muito de samba, Clara Nunes, Alcione, João Nogueira, Roberto Ribeiro, Beth Carvalho. E comecei a perceber que o Dino gravava com esses artistas também, que ele estava em vários discos que eu ouvia desde criança,

mas comecei a perceber a sonoridade nas gravações. Enfim, me apaixonei pelo som do 7 cordas pelo violão do Dino. As minhas principais referências no instrumento são o Dino, em primeiro lugar, os irmãos Valter e Valdir Silva e o Raphael Rabello que, junto com o Dino, é a minha maior referência. Foram os caras em que mais mergulhei na forma de tocar. Todo disco que eu via que tinha algum deles, comprava. Meu pai me ajudava, comprava os discos em sebos e eu ia tirando as gravações, ia marcando com a caneta e é isso aí.

Qual foi a sua trajetória ao sair de Goiânia? Você partiu para a formação acadêmica? E como conciliou tudo isso, tocar e estudar?

A minha saída de Goiânia se deu ainda

adolescente. Eu tinha mais ou menos 15 anos. Comecei a ir para Brasília, para estudar com o Alencar 7 cordas. Eu vivia ainda em Goiânia, mas já estava prestes a prestar o vestibular. E passei para música, na Universidade de Brasília. Já estava indo para Brasília há bastante tempo, desde 1993, 1994. E, depois que passei no vestibular, fiquei conciliando tudo. Tocava no Clube do Choro de Brasília, já como músico profissional. Atuava bastante. Depois passei a dar aulas na Escola Raphael Rabello e na Escola de Música de Brasília. Eu conseguia conciliar tudo. Às vezes era meio complicado, mas sempre consegui. Me formei pela Universidade de Brasília em 2004. O

curso era grande, de seis anos. Me formei bacharel em composição.

A influência do Dino 7 cordas é enorme. No Brasil todo ele é citado como o grande mestre. Você chegou a conhecê-lo?

O Dino foi o cara que me fez escolher o violão de 7 cordas como meu instrumento definitivo na vida. Realmente, ele é o pai de todos os violonistas de 7 cordas, é o pilar definitivo, o cara que criou toda a linguagem e a cristalizou de uma forma muito feliz. O jeito dele tocar, as gravações dele, enfim, era realmente um grande mestre. Conheci o Dino através daquele disco gravado ao vivo da Elizeth Cardoso que, se



não me engano, é de 1968 ou 1969. E cheguei a conhecer pessoalmente o Dino, sim! Tive alguns encontros com ele, de que me recordo muito bem. Em 1992, vim para o Rio de Janeiro e conheci o Dino na loja Bandolim de Ouro. Peguei o cavaquinho lá, toquei, ele me acompanhou, foi muito simpático comigo. Depois, tive outros encontros com ele. Uma vez, numa roda de choro, no Flamengo, não lembro na casa de quem, mas lembro que estava o Época de Ouro e o Paulinho da Viola. Cheguei com outros músicos, a gente acabou tocando um pouco juntos. Uma outra vez me marcou bastante: foi quando em vim ao Rio para fazer o lançamento daquele disco da irmã do Raphael Rabello, a Amélia Rabello, chamado *Todas as Canções*. Rolaram duas

noites de show no teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea. Eu toquei o 7 cordas nesses dois dias. E o Dino estava lá em um desses dias, na plateia. Ele me assistiu, gostou bastante, me elogiou. Foi muito marcante esse dia: ter o Dino na plateia, fazendo um show com músicas do Raphael Rabello, ou seja, tinha a presença de dois mestres, duas influências marcantes na minha vida: um, ao vivo; outro, na música.

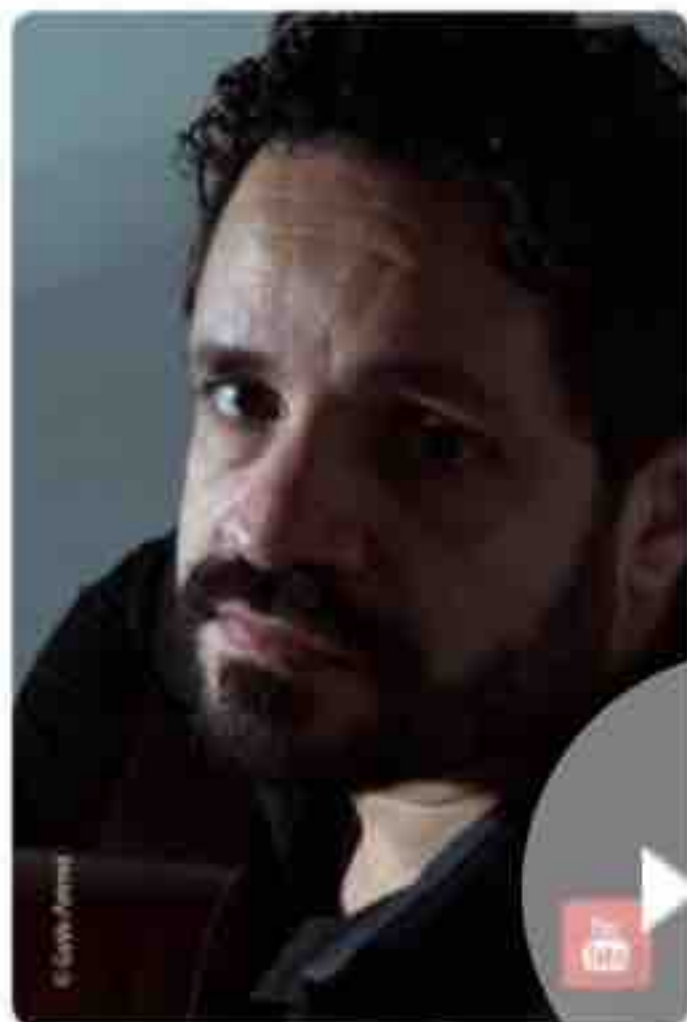
Outra figura importantíssima sempre citada é a de Raphael Rabello, que ajudou a trazer ao 7 cordas o status de solista. Ele também te influenciou?
O Raphael, na verdade, é minha principal influência. Quem ouve o meu trabalho hoje em dia, percebe completamente a influência do Dino também, mas



do Raphael mais ainda, sem dúvida! Quando vi o Raphael tocando, pirei. Eu já tocava em cima daquela linguagem do Dino, que é mais tradicional, mas quando vi as coisas que o Raphael fazia, fiquei maluco. Comecei a tirar as coisas que ele fazia também, assim como fiz com o Dino. Comecei a tirar tudo igual, a imitar. Sem dúvida nenhuma, o Raphael é uma referência muito importante na minha vida, se não for a maior de todas como violonista 7 cordas.

Assistindo ao programa Sete Vidas em 7 Cordas, do Yamandu Costa, vi que você utiliza um jogo de cordas que mescla aço e nylon. Isso também acontecia com o Dino e com vários outros violonistas de 7 cordas. Para o nessoal do violão de 6 e que não é choro, como eu, isso não é muito claro. Você poderia explicar como a coisa das cordas funciona para você?

Esse lance das cordas também é uma virtude do Dino. Ele descobriu essas cordas lisas. Na realidade, são cordas para guitarra elétrica (Dino tocava guitarra elétrica em bailes, especialmente na época da Jovem Guarda, para completar seu orçamento familiar). São revestidas de alumínio, tem um som bem característico, um som penetrante e ao mesmo tempo mais curto. Então, as notas ficam bem definidas. Foi ele que passou a utilizar dessa forma: o Mi e o Si de nylon; a partir da 3ª corda, ele usava o aço. Sol, Ré, Lá, Mi e Dó, de aço. Ele usava cordas Pyramid Gold, que é essa para guitarra revestida de alumínio. A 7ª corda, ele usava de outro instrumento, o violoncelo, também revestida de alumínio, afinada



em Dó. Ele passou a utilizar esse encordoamento e, posteriormente, todos os violonistas passaram a usar. Hoje, utilizo as cordas D'Addario, o jogo ECG23, com a 7ª corda CG075. E, assim como aconteceu com o Dino, como o meu trabalho sempre foi focado no 7 cordas de aço, depois que passei a utilizar essas cordas, vários outros também passaram a usar. Mas, esse mérito da pesquisa do encordoamento é do Dino. Hoje em dia, já não é preciso buscar a 7ª corda no cello; já se fabrica a 7ª corda pensando em guitarras de 7 cordas e até mesmo em violões de 7 cordas de aço.

Seu trabalho é considerado um dos



melhores do Brasil no instrumento, atualmente. O choro tem evoluído muito nos últimos 30 anos. A gente percebe isso. Quais são essas novidades que tornam o choro de hoje em dia diferente do que era feito há 30 ou 40 anos?

Acredito que o que mudou foi o preparo do músico, do chorão. O músico é que mudou a estrutura do choro, embora a gente mantenha viva a tradição. Tem gente que faz choro com duas ou três partes, como sempre. Eu mantenho a mesma estrutura, mas mudo a fraseologia, coloco outros elementos, então as pessoas mudam um pouco a harmonia. Mas a estrutura, de forma geral, quem compõe choro procura sempre manter a forma. O preparo do músico que toca choro que mudou:

acredito que, hoje, todo mundo tem uma capacidade, um preparo maior para improvisar, para re-harmonizar, criar novos caminhos harmônicos, novas estruturas melódicas, enfim, o músico é que evoluiu. Assim, da mesma forma, o choro acaba evoluindo.

Seu trabalho didático também tem sido muito elogiado. Você tem levado o estudo do violão 7 cordas pelo Brasil afora, e até fora dele. Como são esses workshops, da parceria com o Marco Pereira na produção de uma metodologia para o 7 cordas, enfim, do dividir com outras pessoas os seus saberes.

Recebi o convite para realizar esses workshops por causa do método escrito em parceria com meu amigo

Marco Pereira. Na realidade, o Marco me convidou para escrevermos esse método juntos. A gente estabeleceu uma parceria muito feliz: o Marco entrou com toda a experiência acadêmica que ele tem, a organização dos textos, a escrita musical. E eu entrei com o meu conhecimento prático de muitos anos. O método está vindo muito bem, já na 3ª edição. Os workshops estão muito legais. Tem havido muita procura pelo livro e os workshops tem tido bastante gente. Fico muito feliz com isso, porque o objetivo meu e do Marco era de sistematizar essa linguagem, para que ela pudesse atingir um número maior de pessoas. É que o 7 cordas passe a ter cada vez mais um número maior de adeptos. O objetivo principal do método *7 Cordas, Técnica e Estilo* é esse: sistematizar essa linguagem e que ela possa seguir para sempre. Foi uma das parcerias artísticas na minha vida que me deixaram muito feliz. Acredito que é muito importante um material de cunho didático maravilhoso, modéstia à parte. A gente fez um método de qualidade muito bacana, que atende a todos que têm interesse em aprender essa linguagem.

Quais são os seus projetos atuais?

Ainda estou fazendo alguns shows do meu disco *Cosmopolita*, que é um trabalho em duo com o saxofonista e flautista Eduardo Neves. Foi um trabalho lançado no ano passado. Mas, este ano, vou lançar um disco novo, que é de um projeto que tenho realizado aqui no Rio de Janeiro há dois anos, chamado Rogério Caetano convida. É um projeto que realizo no estúdio Eco Som, que fica aqui em Botafogo, onde

recebo os amigos, convido as pessoas e os shows acontecem ali, que é um lugar muito legal. O público tem ido, tem prestigiado, está ficando sempre cheio, estou muito feliz com esse projeto. E ele vai virar um disco, gravado ao vivo, que será lançado agora, neste ano. Os convidados são Yamandu Costa, Hamilton de Holanda, Zé da Velha e Silvério Pontes, Bebê Kramer, Marco Pereira, Eduardo Neves e Cristóvão Bastos. Um disco com 14 faixas, duas por convidado. Até maio, junho, no máximo, ele deve estar na praça. ✨

